

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO (CEI) NOS ROMANCES DE PEPETELA E ORLANDO DA COSTA

Regina Célia Fortuna do Vale
Universidade de São Paulo

Os romances: *A geração da utopia* (1992), do escritor angolano Pepetela, e *Os netos de Norton* (1994), do escritor Orlando da Costa, descendente de goeses (naturais da antiga Índia portuguesa, Goa) são obras que versam sobre a mesma temática, ou seja, sobre a atuação política determinante dos jovens integrantes da Casa dos Estudantes do Império, no período que precedeu a implantação da democracia em Portugal. Ambos os escritores estão empenhados em apresentar o papel eficaz e porque não também, inesperado da C.E.I., órgão transformador daqueles corajosos intelectuais oriundos das várias colônias portuguesas, em jovens estudantes politicamente conscientes, ativos, desalienados e portanto, antagônicos ao sistema colonial vigente.

O intelectual Alfredo Margarido (1980:18) referindo-se a C.E.I. observa que sempre lhe foi *um tanto misteriosa a relativa imunidade da C.E.I. como se a Polícia política não acreditasse, pelo menos em Portugal, na eficácia dos movimentos de libertação.*

As edições da C.E.I. eram necessariamente militantes; em número reduzido circulavam principalmente no reduto militante estudantil e nos núcleos ligados à resistência ao colonialismo. Tal procedimento tinha como objetivo driblar as possibilidades de intervenção da censura ou da polícia política, que não mediam esforços no sentido de apreender e proibir essas publicações.

Ainda segundo Alfredo do Margarido (1980:18-19) a Casa dos Estudantes do Império *funcionava como um gueto, ou como um isolat, onde os africanos se refugiavam, para resistir à pressão da cidade opaca que era Lisboa para os jovens adolescentes que eram empurrados para Lisboa ou outra cidade universitária, pelas condições de ensino nas colônias.*

Digo gueto no sentido dinâmico da expressão criação: voluntária dos colonizados, que lhes permitia resistir à dureza da aculturação imposta pelo meio português. Ao mesmo tempo que suscitava uma reconsideração constante dos valores nacionais, que, em muitos casos, não tinham sido ainda percebidos, e menos ainda teorizados.

Na verdade, a C.E.I. assumiu uma função de suma importância e com uma eficácia imprevista, uma vez que as atividades de esclarecimento mútuo entre os estudantes não contavam com orientações políticas efetivas. De fato, a veemente resistência ao colonialismo, assegurou a C.I.E. um lugar de destaque e sem precedentes em Portugal, cuja ação foi pontuada principalmente, pelo esforço desses jovens estudantes, que exerceram uma atitude elucidativa e iluminadora em relação aos assuntos cruciais das colônias ultramarinas

O público de Lisboa, salvo raras exceções, classificava as produções dos jovens estudantes da C.E.I. como cultura menor, cujo tema central, via de regra, versava sobre os *pretos*, assunto fora do interesse dessa sociedade metropolitana. Talvez esse procedimento explique o sucesso, isto é, a ampla ressonância do movimento editorial da C.E.I. junto aos jovens recém-chegados das colônias. Apenas quando as poesias e contos produzidos por esses jovens autores aparecem traduzidos em vários países é que a crítica portuguesa se manifesta.

Localizada no centro de Lisboa – Arco do Cego – na década de 50, a C.E.I. reunia os estudantes para conferências, seminários, divulgação das obras e da revista *Presence Africaine*, que era uma publicação dos intelectuais do movimento da negritude, reunidos em sua maioria em Paris. A C.E.I. foi encerrada pela PIDE, polícia militar, em 1965.

Carlos Ervedosa, que assinava então Carlos Eduardo e Fernando da Costa Andrade, dois batalhadores incansáveis, inauguraram a divisão editorial da C.E.I. e lançaram-se na edição autores ultramarinos. A partir daí, antologias de poetas e contistas de Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé atingem o público. Poetas e contistas são divulgados: Mário Antonio,

Antonio Jacinto, Luandino Vieira, Costa Andrade, Tomás Medeiros (São Tomé), Ovídio Martins (Cabo Verde), Gabriel Mariano (Cabo Verde), Viriato da Cruz, Arnaldo Santos, Henrique Guerra, Orlando da Costa (Goa) e outros foram divulgados.

Em setembro de 1947, Orlando da Costa viaja de Goa a Portugal, para frequentar a Faculdade de Letras de Lisboa, na qual se licencia em Ciências Histórico – Filosóficas (1953). Na Faculdade de Letras tem como colegas e amigos Jacinto Batista, Augusto Abelaira e o angolano Mário Pinto de Andrade por quem nutre grande admiração.

Orlando da Costa frequentou a C.E.I, onde foi Presidente da Seção da Índia (1952, ano em que as direções eleitas de Angola, Cabo Verde e Índia, não foram oficialmente homologadas e substituídas por uma Comissão Administrativa). Na C.E.I., Orlando da Costa entrou em contato com os então estudantes: Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, Lúcio Lara e outros.

Os netos de Norton é um romance onde se cruzam tempos, paisagens urbanas, destinos, memórias e propósitos de um grupo de intelectuais em plena campanha eleitoral do general Norton de Matos (candidato da oposição), a favor da democracia e portanto, contra a ditadura salazarista. As personagens centrais são: o calouro angolano inscrito na Faculdade de Medicina, Rui Chaves, o moçambicano Augusto, da Faculdade de Belas Artes, a jornalista portuguesa Gabriela e o narrador goês, estudante da Faculdade de Letras, os quais se movimentam numa Lisboa apossada pela polícia política, a PIDE.

Acabados de chegar das colônias o encontro desses jovens estudantes se dará nas mais diversificadas ocasiões: nas tertúlias, durante as atividades cotidianas da Universidade, nas reuniões secretas ou nas longas noites de vigília e intervenção, e sobretudo nos momentos de confronto, risco e debate.

O general Norton de Matos era contudo, um homem comprometido com os objetivos do colonialismo clássico, responsável pelo destino de Angola na qualidade de Alto Comissário, nos períodos de 1912-1915 e 1921 – 1924. Note-se que durante o governo de Norton de Matos, o processo de miscigenação sofreu uma brutal interrupção e seus efeitos negativos se fizeram sentir com maior intensidade após 1950, quando se dá a total desintegração de uma política favorável à miscigenação em Angola. Portanto, como parte da sua prática administrativa colonial, Norton de Matos pretendia criar uma Angola Branca, conforme o modelo da Austrália, e da África do Sul. De fato, essa política colonialista exercida por Norton de Matos acarretou uma brutal ruptura na natural evolução do processo de miscigenação entre os dois grupos, brancos e negros que já vinha ocorrendo antes da sua desastrosa administração.

Em 1948 essa geração estudantil da C.E.I. estará em sua maioria apoiando a candidatura do general Norton de Matos às eleições presidenciais de 1949, ocasião, em que iriam *todos vender por dez escudos o 1º livro do candidato da oposição, Os dois primeiros meses da minha candidatura, que na página de rosto tinha impresso um selo, que parecia um linóleo, com o retrato de Norton*. Costa (1994: 60-70).

Ora, qual seria a justificativa plausível para a atitude desses estudantes da C.E.I, que sabemos imbuídos do ideal socialista e da utopia comunista? Estariam impelidos pela ânsia aflita por mudança político- democrática que revertesse aquele quadro de opressão e despotismo vigente ? Ou seria o encaminhamento para um futuro estágio de maturidade dessa jovem geração, que evoluía do seu estado de alienação e caminhava rumo à luta pela liberdade política das suas respectivas colônias ?

Dessa forma, *A geração da utopia* é a nosso ver a saga da geração revolucionária angolana (em embrião), pois notamos nela a inexistência de uma ideologia própria, carência que eles procuram suprir através da identificação com movimentos revolucionários alheios a sua

história, cultura e tradição – atitude compreensível, se considerarmos as circunstâncias histórico-sociais em que se inserem.

Consideramos também, que o romance de Pepetela nos apresenta um grupo coeso, composto pela presença majoritária de personagens angolanas combativas, latentes de idéias revolucionárias – certamente futuros adeptos das ações guerrilheiras em Angola. Situação um pouco diferente do romance de Orlando da Costa, em que nos deparamos com quatro personagens emblemáticas, oriundas das três ex-colônias, ou seja, Angola, Goa e Moçambique, e uma da metrópole, contextualizadas historicamente, antes da Revolução dos Cravos. Nessas circunstâncias, a militância política desse grupo de “*nacionalidade*” diversa, dilui-se a curto prazo em referência às respectivas colônias, mas canaliza a sua resistência em direção à ditadura salazarista. De fato, o campo de guerra dos *Netos de Norton* circunscreve-se à metrópole, onde resistem, crescem e amadurecem no sofrimento da luta, até que a consumação do movimento revolucionário, apoiado pelo povo, lhes restitua a liberdade e proclame a democracia em Portugal, nos idos de 1974. Após o que, cada um desses ex-estudantes retornará ao seu ponto de partida.

Das quatro personagens; a única a enfrentar a guerra colonial foi o angolano Raul – designado para prestar serviço médico-militar na Guiné, por ordem punitiva da Pide. Anos mais tarde voltando ao Huambo (batizado anteriormente por Norton de Matos, Nova Lisboa), Rui morre assassinado pelos rebeldes, *por pertencer de alma e coração ao espírito fundador do movimento para a libertação de Angola desde os tempos da Casa dos estudantes*. Costa (1994,266).

Na *Geração da utopia* o amor fiel e antigo entre Sara e Aníbal consolida-se com o nascimento da filha Judite. A aurora de uma nova geração que aponta para a esperança, com

vistas à reconstrução. Em suas mãos está a continuidade da missão transformadora que sonharam seus pais, utopia agora não mais minada pelas decepções e pelo pessimismo.

O mesmo destino não teve o *casal sem filhos e à míngua de projetos*, Costa (1994, 260) Gabriela e Rui, que após vários anos de amorosa convivência separam-se. Ocorre que o rompimento só se realizou, após cumprirem a árdua missão de militância contra a violenta ditadura, e um pouco depois, testemunharem a liberdade das suas respectivas colônias do jugo colonialista.

O ponto de convergência entre os dois romances está em a Casa dos Estudantes do Império cumprir, em ambas, seu destino histórico, agregando uma geração revolucionária que conseguiu romper com a ideologia conservadora, que por muitos anos atuou dentro e fora de Portugal.

Podemos também constatar nas duas obras, a semelhança na forma com que cada um dos escritores trata o conceito de *utopia* subjacente ao longo das suas narrativas. Utopia, segundo a qual *quanto mais o homem livre que pensa se imbuir da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais ele se imbuir da aspiração revolucionária – isto é, do desejo de rejeitar o jugo econômico e político do imperialismo e de promover em cada país a modificação das estruturas internas, que alimentam a situação de subdesenvolvimento*. Candido (1989,154).

Assim, tanto *A geração da utopia* como *Os netos de Norton* são produções literárias deliberadamente militantes nas questões políticas de Angola e Portugal, pois ambas se referem à experiência real vivenciada por cada autor.